

COMÉRCIO VAREJISTA: OSTRACISMO MAIS UMA VEZ

JOEL VIEIRA DADDA

Presidente do Sindilijas Litoral Centro
1º vice-presidente da Fecomércio-RS
sindilijaslitoralcentro@gmail.com



A região de Capão da Canoa, que abrange os 23 municípios do Litoral Norte gaúcho, passou para bandeira vermelha no mapa de distanciamento controlado do Estado, sob a alegação de aumento na incidência de óbitos por covid-19 e da maior demanda por internações nos hospitais. Com o anúncio do governo estadual, no último dia 22, prefeituras tiveram que baixar novos decretos, levando o comércio varejista ao ostracismo, mais uma vez. As oscilações causadas ao funcionamento do segmento, desde março, já refletem nas vendas e na manutenção dos empregos.

As empresas do setor terciário respondem por 1,5 milhão de empregos formais no Estado, cerca de 120 mil no Litoral Norte. Dados divulgados pela Federação do Comércio de Bens e de Serviços do RS (Fecomércio) revelam que apesar

da suspensão ou flexibilização de contratos de trabalho, já utilizada com quase 500 mil gaúchos, foram encerrados 90 mil postos formais, nos meses de março e abril.

Não é justo que o setor seja tratado como se fosse o propagador do coronavírus

Se persistir a lógica imputada ao comércio, de fechamento em decorrência da falta de leitos em unidades de terapia intensiva (UTIs), esse número tende a crescer. Temos que considerar que, com a chegada do inverno, as doenças respiratórias acabam ocasionando mais internações

hospitalares.

A mudança na cor de bandeira vem jogar um balde de água fria, frustrando as expectativas dos lojistas em recuperar o tempo perdido. Por conta da pandemia, as vendas do comércio varejista gaúcho despencaram 27,69%, em abril, na relação com igual período em 2019, registrando a pior queda da história, conforme a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ora, se o setor está seguindo rigidamente as determinações das autoridades, não é justo que seja tratado como se fosse o propagador do coronavírus, restando como o mais penalizado.

Face às incertezas que a covid-19 traz, uma coisa é certa, além das perdas humanas: com a saúde financeira debilitada, inúmeros estabelecimentos do comércio irão sucumbir.

UM “NOVO NORMAL” PARA NOS PROTEGER DE PANDEMIAS

JÚLIO CÉSAR BICCA-MARQUES

Professor da Escola de Ciências da Saúde e da Vida da PUCRS
jcbicca@puccrs.br



Somos 7,8 bilhões de pessoas vivendo em um mundo globalizado. Apesar da desigualdade social abissal de nossas sociedades, somos todos iguais, compartilhamos e dependemos da mesma arca chamada Terra. Porém, o crescimento explosivo da nossa população nas últimas décadas tem provocado uma exploração insustentável da natureza. Entre as inúmeras agressões ambientais que cometemos, a degradação dos ecossistemas naturais e a caça, captura, aprisionamento, venda, uso como pets e consumo de animais selvagens nos põem em contato com vírus e bactérias que viviam em harmonia com seus hospedeiros silvestres. Como o nosso corpo não foi treinado para lidar com esses microrganismos estranhos, corremos o risco de que eles sejam bastante agressivos para nós. Vírus que atacam

o aparelho respiratório e que são transmitidos de uma pessoa para outra podem ser espalhados rapidamente pelo globo terrestre por viajantes infectados. É exatamente isso que está acontecendo com o coronavírus causador da covid-19.

Quase sempre somos os únicos responsáveis pelos nossos problemas de saúde

Assim como adoecemos ao entrarmos em contato com esses novos microrganismos, também levamos a morte para os animais silvestres quando deixamos os nossos patógenos nos ecossistemas naturais que invadimos. Esse é um sério

problema, inclusive, dentro da nossa própria espécie. Indígenas que nunca tiveram contato com a maioria das nossas doenças são muito mais sensíveis do que as pessoas de nossa cultura. Infelizmente, a história da humanidade está repleta de exemplos de culturas tradicionais dizimadas ao redor do mundo por doenças levadas pelos “colonizadores”.

A covid-19 nos ensina muitas lições. Uma delas é que a única maneira de reduzirmos o risco de novas pandemias é a construção de uma sociedade que respeite a natureza acima de tudo e na qual todo ser humano tenha uma vida digna. Como quase sempre somos os únicos responsáveis pelos nossos problemas de saúde, está na hora de vivermos um “novo normal” e escrevermos uma história que, finalmente, faça jus ao *Homo sapiens* (“homens sábios”).

DECISÃO DO STF AFETA NOSSA ESPERANÇA

DANIEL R. RANDON

Presidente e CEO das Empresas Randon



Não bastassem as enormes e nefastas desigualdades sociais no Brasil, as autoridades, em plena pandemia, contribuem para ampliar ainda mais esse abismo. Sem nenhum compromisso com o combate aos gastos públicos, uma obrigação básica de qualquer gestor, o Supremo Tribunal Federal (STF), com sua visão estatizante, proibiu a temporária redução salarial e de jornada de trabalho de servidores, uma atitude que poderia aliviar o peso das despesas do governo neste momento de extrema dificuldade. Com isso, a corte máxima deste país contraria o esforço da própria equipe econômica na luta para equacionar as contas públicas. E, na contramão da urgência e do bom senso, patrocina a manutenção e até o aumento deste déficit. Parece brincadeira e deboche.

O agravante dessa “inteligente” decisão é que ela se estende a União, Estados e municípios, o que impede os governadores e prefeitos, com boa visão de gestão, de mudar o rumo de suas contas. Tudo sob o argumento de que, se aprovada, a medida feriria o princípio constitucional de irredutibilidade. Trata-se de uma regra válida somente para os servidores federais, estaduais e municipais, que já contam com garantia de emprego, em total desigualdade com a massa de trabalhadores privados. Para o setor privado, esse sacrifício é permitido. Como fica a Lei de Responsabilidade Fiscal que limita a 60% da receita corrente líquida os gastos com pessoal nos Estados e municípios? O Rio Grande do Sul, em 2019, antes da pandemia, já alcançava 54% da despesa corrente, sem incluir gastos da previdência!

Enquanto isso, no mundo do lado de fora dessa “bolha” do poder, a pandemia continua fazendo vítimas, fechando empresas e engrossando a legião de desempregados. Certamente o quadro seria outro se o país contasse com serviço de saúde melhor preparado, sem a necessidade de doações do setor privado para socorrer as falhas de uma estrutura sucateada.

Como empresário que corre riscos permanentemente, tenho confiança e esperança no DNA do empreendedor como gerador de empregos e riquezas. Aprendi, ao crescer em ambiente de fábrica, que as dificuldades são cíclicas e que a empresa se renova e se fortalece a cada crise. Mas diante de atitudes como esta do STF é impossível manter o otimismo, abrindo espaço para o sentimento de revolta, de descrédito e de desesperança, neste Brasil bancado por nós, os pagadores de impostos!

Isto tem que mudar. Em que mundo vive a nossa Corte?

Daniel R. Randon escreve às segundas-feiras, mensalmente.

Trabalhadores brasileiros estão sendo tratados desigualmente